

A IMPRENSA NEGRA DO RIO GRANDE DO SUL E ALGUNS DE SEUS HOMENS

Ângela Pereira Oliveira¹

Artigo recebido em: 30/09/2017.

Artigo aceito em: 18/10/2017.

RESUMO:

A proposta do texto é destacar quem era os homens que estavam por trás da elaboração de jornais de cunho racial no estado do Rio Grande do Sul. O contexto do estudo circunda o pós-abolição, focando os jornais negros que circularam na capital, Porto Alegre, e em uma cidade do interior, Pelotas. Essa última, durante o império possuía mais prestígio econômico que a capital. No entanto, Pelotas, no século XX passou a viver com a economia estagnada. A principal fonte, a imprensa negra, permite muitas possibilidades de análise, uma delas é conhecer os seus interlocutores. Brevemente destacadas as experiências desses homens, elas se tornam essenciais para compreender tanto suas trajetórias como sua escrita.

PALAVRAS-CHAVE:

Imprensa negra. Rio Grande do Sul. Homens. Negros. Trajetórias.

ABSTRACT:

The proposition of the text is to highlight who were the men who were behind the elaboration of racial newspapers in the state of Rio Grande do Sul. The context of the study surrounds the post-abolition, focusing on the black press that circulated in the capital, Porto Alegre, and in an inner city, Pelotas. The latter, during the empire had more economic prestige than the capital. However, Pelotas in the twentieth century came to live with the economy stagnant. The main source, the black press, allows many possibilities of analysis, one of them is to know their interlocutors. Briefly

¹ Mestra em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Participa do GT de Emancipações e Pós-abolição, sede regional do Rio Grande do Sul. Este texto faz parte do debate feito pela autora em sua dissertação intitulada de *A racialização nas entrelinhas da imprensa negra: o caso O Exemplo e A Alvorada, 1920-1935*, defendida em maio de 2017, no PPGH da UFPEL. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8747697J6>

highlighting the
men, they become
understand both their trajectories and their writing.

experiences of these
essential to

KEY-WORDS:

Black press. Rio Grande do Sul. Men. Blacks. Trajectories.

* * *

Introdução

A imprensa negra atuou como um espaço de resistência no pós-abolição, por fazer frente a estigmas e estereótipos negativos construídos em relação à população de cor escura e auxiliar na formação de uma nova percepção dos próprios indivíduos. Ao se deparar com o racismo da sociedade, os integrantes desta imprensa buscaram meios de se unir para enfrentá-lo.

No entanto, a produção desse tipo de periódico é anterior a 1888. A fim de demonstrar a longevidade dos impressos e a apropriação de negros letrados nesse espaço, retornamos no tempo, até o momento em que a historiografia atribui como de inauguração dos jornais negros.

Os impressos de cunho racial tiveram início no Brasil em 14 de setembro de 1833, com o pasquim *O Homem de cor² ou O Mulato*. Ele circulou na cidade do Rio de Janeiro, por iniciativa de Francisco de Paula Brito³. Francisco de Paula Brito (1809-1861) foi impressor e editor que atuou no Rio de Janeiro de 1831 e 1861. Ele era filho

² A grafia original foi atualizada, assim como as demais transcrições realizadas dos jornais, tanto por ser uma grafia em desuso como para tornar a leitura mais agradável ao leitor.

³ A sua biografia foi tema da tese: GODOI, Rodrigo Camargo de. Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861). **Tese de Doutorado**. Campinas, UNICAMP, 2014.

e neto de libertos. A

Brito foi bastante

entanto, apenas um aspecto será enfatizado. Trata-se da sua atuação enquanto tipógrafo. A profissão de tipógrafo foi desempenhada por diversos negros que através dela ascenderam socialmente.

trajetória de Paula

complexa. No

Paula Brito foi aprendiz da *Tipografia Nacional*. E, em 1831 quando possuía 22 anos, ele adquiriu, de um parente seu, um pequeno estabelecimento que outrora funcionava como papelaria. Paula Brito transformou este espaço em tipografia, com a realização da compra de maquinários. O estabelecimento foi batizado de *Typographia*

Fluminense. Entre os autores que publicavam seus livros nesse espaço encontra-se o escritor Machado de Assis.

Paula Brito começou a editar *O Homem de Cor* (1833) num contexto em que Pinto (2010) denominou de “reafirmação da cidadania brasileira”. Através deste pasquim, ele questionava a precariedade da liberdade e o descaso com a cidadania dos negros no Brasil oitocentista para os diferentes status jurídicos que conviviam juntos. Segundo Chalhoub (2012)⁴ até 1860 todos que tivessem a pele escura e fossem detidos pela polícia, julgando serem escravizados, mesmo que liberto ou livre, permaneciam como escravizados até que conseguissem comprovar o contrário. Ora, essa colocação do autor demonstra o tipo de liberdade usufruída pela população negra.

O pasquim de Paula Brito confirma que parte da população negra estava ciente dos debates promovidos em torno de políticas que se embasavam em práticas raciais. A curta duração de seu jornal se remete aos altos custos de um impresso voltado a uma classe baixa que não teria condições de sustentá-lo. Além disso, grande parte da população negra era analfabeta, o que não impedia as ideias de circularem, mas diminuía a grupo que poderia ter acesso. Esses fatores tornam os impressos negros de vida efêmera.

⁴ Ver principalmente o Capítulo 9. *Liberdade precária*, pp.227-276.

Após o nascimento desse jornal, surgiram outros. E no pós-abolição o número de impressos negros cresceu ainda mais. Tal fato se justifica por diversos fatores, entre eles: organização de pessoas negras letradas, necessidade de defesa e resistência, expansão dos meios de comunicação entre as massas, falta de representatividade da população negra, cidadania incompleta para os descendentes de africanos.

Dito isso, se esclarece a percepção em relação ao pós-abolição nas recentes pesquisas. Segundo os estudos deste campo, que propiciaram a fundação do GT Emancipações e pós-abolição, tem se demonstrado que o pós-abolição não é apenas

um marco cronológico referente aos anos subsequentes a 1888. Para Rios e Mattos (2005) o pós-abolição é um momento histórico de construção e busca pela liberdade, logo, ele se encerraria somente com o fim de estruturas e tratamentos desiguais. Nesse sentido, o pós-abolição se estende cronologicamente podendo abarcar estudos que foquem nos dias atuais, não há uma data específica como marco final. Um exemplo são as pesquisas sobre cotas raciais. Três são os conceitos centrais para se pensar as pesquisas a partir desse campo epistemológico: escravidão, racialização e cidadania.

Retomando, a imprensa foi apropriada pela população negra para uso em prol de seus interesses políticos e raciais. Com a criação de periódicos raciais ficou o registro de uma série de informações da cotidianidade dos indivíduos nos quais dialogavam. Através desses impressos é possível perceber que parte da população negra (não se pode generalizar) não estava alheia ao contexto que colocava em cheque as suas capacidades. Mesmo não tendo sido consultados politicamente, eles apresentaram suas opiniões e posicionamentos.

Diante de
vivenciados no pós-

todos os problemas
abolição⁵, a

imprensa negra foi mais uma estratégia de luta⁶. O enfrentamento ao sistema que lhes oprimia não era feito somente pelo uso de força física. A capacidade de organização e de atuação desses articulistas nesse veículo de comunicação pode ser vista como uma oposição à concepção de que eles viviam em uma anomia social⁷. Os escritos

deixados nesses semanários permitem muitas considerações sobre o comportamento, as ideias, os valores e os princípios, além de registrar a atuação de diversos personagens que buscavam uma melhor condição de vida para a população de tez escura.

Imprensa negra sulina através de dois periódicos: *O Exemplo* e *A Alvorada*

No “dia 11 de dezembro de 1892”, na cidade de Porto Alegre, estreou *O Exemplo* (*O Exemplo*, 04/01/1925, p.01), mais um título de imprensa negra do Brasil, porém o primeiro do Rio Grande do Sul. Segundo o próprio jornal, ele teria sido o precursor desse tipo de comunicação “nos pampas” (*O Exemplo*, 02/01/1928, p.01)⁸. A sua circulação começava quatro anos depois da Abolição.

⁵ Por conta de uma abolição malfeita que manteve, no período posteriormente, uma busca por direitos que lhes eram impossibilitados e a manutenção de continuidades de ideias em relação ao (a) negro (a), eles conviviam com estes obstáculos. A respeito dos problemas por eles vivenciados, ver Rios e Mattos (2005).

⁶ Nem toda a luta se faz através da resistência armada, as formas de resistir podem ser as mais sutis possíveis e, isso não torna os sujeitos acomodados ou submissos. Isso é o que os estudos do campo de emancipações e pós-abolição vem tentando demonstrar em suas reflexões, buscando desconstruir concepções historiográficas estereotipadas e racistas.

⁷ O conceito de anomia foi emprestado de Durkheim. Florestan Fernandes utilizou-o, no seu livro, *A integração do negro na sociedade de classes*, de 1964, que teve várias reedições. A ideia de anomia criou uma visão brutalizante e pessimista em relação ao negro (a), já que o conceito está vinculado ao estado de desorganização social, de uma incapacidade de organização e de atuação. O autor buscava denunciar que a crueldade do sistema escravista havia deixado os (as) negros (as) numa desorganização social em oposição à imagem de democracia racial que se vendia para outros países sobre as relações raciais no Brasil. Apesar de se tratar de um trabalho de sociologia, ele marcou historiograficamente uma nova forma de perceber o (a) negro (a). Em trabalhos posteriores, o autor acabou reconhecendo que essa ideia por ele defendida para denunciar o racismo acabou reproduzindo muitos preconceitos sobre em relação à população de cor escura.

⁸ Esta expressão foi empregada pelo próprio jornal, no referido caderno, ao tratar de sua iniciativa de atuar no Rio Grande do Sul.

As atividades do semanário foram finalizadas no ano de 1930.

Anteriormente a autora destacou que os impressos negros tiveram vida efêmera, mas no Rio Grande do Sul, dois desses fogem a essa regra, e são exatamente *O Exemplo* e *A Alvorada*. Entre 1908 e 1911, *O Exemplo* incorporou a causa operária as suas pautas, defendendo os trabalhadores em geral, o movimento operário e o sindicalismo, dialogando não apenas com a população negra, mas também com os operários porto-alegrenses.

Uma das características do *O Exemplo* era o fato de ter sido criado exclusivamente por negros, mas ainda assim, aceitar a contribuição de brancos. O que se dava em função de seu caráter democrático, de se colocar aberto ao diálogo, como o próprio jornal expunha (*O Exemplo*, 06/01/1921). O periódico teve vários colaboradores brancos, principalmente, quando passou a tratar de interesses da classe operária.

O grupo que compunha este jornal apresentava uma grande circularidade entre as organizações existentes em Porto Alegre, formadas e frequentadas por negros e negras. Eles atuavam em diferentes espaços de uma ampla rede social que incluía “associações culturais, religiosas, musicais, esportivas, dramáticas e carnavalescas” (ZUBARAN, 2016, p.216).

A *Barbearia Calisto*, localizada no centro de Porto Alegre, na Rua dos Andradas, conhecida como o calçadão da Rua da Praia, no número 247, foi o local de criação do *O Exemplo*. Os donos do estabelecimento, os irmãos Calisto, compunham a gama de integrantes da formação inicial do jornal. Posteriormente, a redação e a oficina passariam para outros espaços da cidade, desde lugares centrais a periféricos. O semanário que circulava aos domingos podia ser adquirido na sua sede, através de assinaturas ou mesmo com os próprios editores.

Entre os integrantes do grupo inicial do *O Exemplo* estavam nomes como o de: Arthur Andrade, Arthur Gama, Marcílio F. da Costa Freitas, Aurélio de Bittencourt Júnior, Sérgio de Bittencourt Júnior, Camillo Tristão Laurindo, Leovegildo Silva, Felipe Baptista da Silva, Alfredo Candido de Souza e Esperidião Calisto.

Durante a existência do *O Exemplo*, o grupo se modificou, alguns o deixaram enquanto outros se vincularam a ele. Entre seus redatores, aqueles que mais se destacaram foram Arthur de Andrade, Espiridião Calisto, Tácito Pires e Alcibíades dos Santos. Pelos seus pares, os “redatores eram identificados como ‘corajosos’, ‘esforçados batalhadores’, ‘arautos de um ideal’, movidos pela necessidade de ‘levantamento moral e intelectual das classes desprotegidas’” (XAVIER, 2014, p.133)⁹.

Ao longo de sua circulação, *O Exemplo* incentivou jovens autores em início de carreira, publicando seus textos. Entre esses podemos citar nomes como Reynaldo

Moura, Dante de Laytano, Augusto Meyer, Walter Spalding e Breno Pinto Ribeiro. Nenhum dos citados era negro, mas simpatizavam com a luta pelo reconhecimento do protagonismo da população negra na história do Rio Grande do Sul.

Moura, Meyer e Spalding fizeram carreira, posteriormente, no jornalismo tradicional, ambos no *Correio do Povo*, a quem *O Exemplo* apresentou muitas críticas em função da maneira estereotipada na qual representavam negros e negras. Esses nomes, hoje consolidados na imprensa gaúcha, antes de despontar no jornalismo informativo, publicavam no impresso negro *O Exemplo*.

Já Laytano, em 1937, foi um dos colaboradores do II Congresso Afro-Brasileiro de Salvador. Tratava-se de um importante encontro dos principais

⁹ Essa foi uma colocação que *O Exemplo* apresentou em 070/7/1904, assinado por J.Cotta.

estudiosos da época
cultura negra

para debater a
brasileira. Era o

momento em que o Brasil foi considerado um dos países de maior sobrevivência de traços da cultura africana, e que Laytano publicava *Os africanismos do dialeto gaúcho* (1936) entre outras obras¹⁰.

Os articulistas de periódicos negros geralmente tinham a experiência na elaboração de outros jornais, principalmente, operários. No caso do já mencionado Paula Brito, ele era tipógrafo por profissão. Outros negros também atuaram como tipógrafos ou diretores de jornais da grande imprensa. No entanto, mesmo sendo negros eles não conseguiam usufruir desse espaço para debater assuntos que lhes atingissem, como por exemplo, o racismo da sociedade. Por isso, eles fundavam seus próprios periódicos. Ainda assim, geralmente, os articulistas de impressos negros adquiriam a experiência com a elaboração de jornais através de suas militâncias e não por estarem inseridos como jornalistas. A grande maioria dos homens negros que

fundaram e escreveram em impressos voltados para os *seus* possuíam outras profissões.

Os diretores do *O Exemplo* foram Arthur Andrade (o primeiro de todos), Marcílio Freitas, Baptista Júnior e Dário de Bittencourt. Muitos dos diretores e membros do *O Exemplo* desempenhavam a atividade profissional de servidor público sendo proveniente desta a sua principal fonte de renda. Entre eles havia também um grupo que era composto por profissionais liberais. Por exemplo, eles atuavam como advogados para algum órgão em específico ou em seus próprios escritórios, entre eles havia médicos, militares, engenheiros e também aqueles que se vincularam as artes, músicos, atores, poetas e escritores. Em geral, eles se diferenciavam dos demais negros no que se refere aos espaços ocupados, além de comporem uma classe média

¹⁰ Para saber mais informações sobre Laytano, ver SILVA, Sarah Calvi Amaral. Africanos e afro-descendentes nas origens do Brasil: raça e relações raciais no II Congresso Afro-brasileiro de Salvador (1937) e no III Congresso sul-rio-grandense de história e geografia do IHGRS (1940). **Dissertação de Mestrado** (História). Porto Alegre: UFRGS, 2010.

emergente e letrada
prestígio social, o
do preconceito.

atingiram certo
que não os isentava

A motivação para a criação do periódico no Rio Grande do Sul ficou registrada em uma de suas edições. Sob o título “O aparecimento d’O *Exemplo*”, o caderno do dia 2 de janeiro de 1928 apresentou a discriminação sofrida por Justino Coelho da Silva Júnior. Este fato teria sido o estopim para a organização de um jornal racial a fim de que fossem denunciadas as arbitrariedades contra os (as) negros (as) em Porto Alegre. O caso de Justino teria ocorrido ainda durante o império, sendo que *O Exemplo* só se concretizaria anos mais tarde. Justino havia sido aprovado, em primeiro lugar, num concurso a fim de ocupar um cargo público estadual, ainda durante o império. No entanto, a mando de Gaspar da Silveira Martins¹¹, o concurso

foi anulado, porque apesar de o aprovado ter revelado notórias aptidões, teria o “grande ‘defeito’ de não ter branca a cor da sua epiderme” (*O Exemplo*, 02/01/1928, p.01).

O Exemplo trouxe à tona, ainda no século XIX, a denúncia contra o preconceito, se manifestando contra “as hierarquias baseadas na cor da pele” (ZUBARAN, 2008, p.167). Esse acontecimento permite compreender o tipo de liberdade e cidadania condicionada as pessoas negras do período. Leia-se que ser um cidadão negro não implicava em ter os mesmos direitos que um branco, mantendo-se uma hierarquia entre os cidadãos por conta da sua tonalidade da pele. O acesso à

¹¹ Gaspar da Silveira Martins nasceu em 05/08/1835 e faleceu em 23/07/1901. Foi deputado provincial (1862), deputado geral (1872), ministro da fazenda (1873), senador (1880), conselheiro de estado e presidente de província no Rio Grande do Sul. Integrante do Partido Federalista fazia oposição ao PRR. Era monarquista. Também foi líder da Revolução Federalista, 1893-1895. Gaspar gozava de poderio político durante o Império, mas acaba o perdendo com a proclamação da República (1889). A respeito do político, ver PADOIN, Maria Medianeira; ROSSATO, Monica. **Gaspar Silveira Martins: perfil biográfico, discursos e atuação na Assembleia Provincial.** Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2013. (Série Perfis Parlamentares; n.13.). E também: KÜHN, Fabio. **Breve história do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Leitura XXI, 2011. 4ed.

cidadania e a
população negra é

igualdade para a
uma pauta

reivindicada até os dias de hoje. Isto por que a liberdade para eles se difere da expressa pela ideia liberal eurocêntrica. Nesse sentido os estudos do campo de Emancipações e pós-abolição tem se deparado com as diferentes experiências de liberdade e debatida a cidadania incompleta da população negra. Um exemplo de estudo que debate essa temática é a coletânea de artigos organizada por Gomes e Cunha (2007).

O funcionalismo público era um dos meios pelos quais os libertos poderiam se colocar em posições de destaque. Ter negros (as) ocupando espaços sociais que lhes garantissem prestígio era visto com maus olhos, por conta da racialização. Ainda assim eles estavam inseridos nesses ambientes. No entanto, as autoridades imbuídas da crença na branquitude¹² passaram a demonstrar a sua predileção pelos trabalhadores brancos.

Em suas páginas, *O Exemplo* publicava textos contemplando pessoas negras de destaque. O próprio nome do jornal, provavelmente, estava ligado a essa estratégia de construção de “modelos de conduta que serviriam de referência para a comunidade negra” (ZUBARAN, 2008, p.177). Essa prática também pode ser vista em outros materiais de imprensa negra, conforme demonstra Domingues (2008). Assim, eles poderiam se ver representados, de forma a insuflar o seu orgulho de pertencer ao grupo.

Após a primeira iniciativa de imprensa negra, em Porto Alegre, com *O Exemplo* (1892-1930), o Rio Grande do Sul assistiu o nascimento de outros periódicos do

¹² A branquitude ou branquidade é entendida como uma construção sócio-histórica que produz a ideia de superioridade racial branca e que resulta no racismo. Trata-se de uma categoria relacional cujos significados variam de acordo com o local. Sobre o tema, ver: WARE, Vron (org.). **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo.** Rio de Janeiro: Garamond Universitária/Centro de Estudos Afro-Brasileiros, 2004. E, SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. **Tese de Doutorado** (Psicologia). São Paulo, USP, 2012.

gênero. Entre eles, o

semanário *A*

*Alvorada*¹³, surgido

no dia 5 de maio de

1907, na cidade de Pelotas, 15 anos depois do início da circulação de *O Exemplo*.

A Alvorada era propriedade dos irmãos Penny. No entanto, Durval Moreira Penny logo se afastou de sua preparação para cuidar de assuntos profissionais, e apenas Juvenal Moreira Penny seguiu no comando da *A Alvorada*. Além dos Penny, outros dois homens idealizaram este projeto, Rodolpho Ignácio Xavier e seu irmão Antônio Baobad. Antônio Baobad acabou falecendo antes de acompanhar o desenvolvimento do jornal *A Alvorada*.

No ano de 1946, Juvenal M. Penny vendeu *A Alvorada*, que passou a ser “propriedade de um grupo liderado por Rubens Lima, além de Carlos Torres e Armando Vargas” (PERES, 2002, p.128). *A Alvorada* encerrou suas atividades no ano de 1965. Durante seus 58 anos, o semanário passou por momentos de dificuldades financeiras que se refletiram em interrupções na sua circulação. O periódico é tido por um dos mais longos exemplares de imprensa negra do Brasil (SANTOS, 2003).

Entre os redatores da *A Alvorada* estavam Dario Nunes, Humberto de Freitas, Ivo Porto e Miguel Barros. O semanário “era dominical e poderia ser adquirido de

duas formas: compra em bancas de jornal, barbearias e no Mercado central, ou assinatura” (SILVA, 2011, p.139).

A Alvorada era parte de uma prática associativa de negros e negras, na cidade de Pelotas. Esse associativismo se formou ainda no século XIX e com o pós-abolição acabou se ampliando. Por conta dele foram fundadas diversas organizações atuantes na formação e valorização de uma identidade negra. São exemplos: os clubes sociais, alguns com origem em cordões carnavalescos. As finalidades desses eram múltiplas.

¹³ *A Alvorada* teve entre as suas sedes, a Rua Paysandu 678, hoje atual Barão de Santa Tecla, atualmente região do centro da cidade.

Entre eles estavam

(1916), *Fica Abí Pra*

Chove e não molha (1921), *Quem ri de nós tem Paixão* (1921) e *Está tudo certo* (1931).

o *Depois da Chuva*

Ir Dizendo (1921),

Além da vida social e cultural, o trabalho era uma de suas preocupações contínuas. “O trânsito entre o jornal *A Alvorada*, cordões e associações operárias foi muito intenso” (SILVA, 2011, p.129). O semanário trazia chamadas para reuniões, atas e informativos de sindicatos. Ele promoveu o debate a respeito da precariedade dos salários e denunciou as exaustivas rotinas de trabalho. *A Alvorada* denunciou problemas do cotidiano¹⁴ dos (as) trabalhadores (as), negros (as) ou brancos (as), como, por exemplo, alto custo das moradias e da alimentação.

Nos anos 1930, *A Alvorada* se tornou porta-voz da *Frente Negra Pelotense*¹⁵ e desde então uma campanha muito engajada pela educação da população negra foi sendo gestada. O jornal acreditava e defendia que somente a educação seria capaz de extinguir e combater os preconceitos. Além de se preocupar com o disciplinamento moral da etnia, *A Alvorada* “também se pronunciava contra as propostas de ‘embranquecimento’” (LONER, 2005, p.07).

As duas cidades, Porto Alegre, a capital política, em processo de crescimento econômico e, Pelotas, no interior do Estado que tinha grande poderio econômico no século XIX, em função das charqueadas, mas que vê sua economia estagnada com o final da escravidão. As duas cidades foram marcadas pelo racismo. A atuação de negros e negras na imprensa de cunho racial era pautada por interesses comuns aos

¹⁴ Sendo o cotidiano um conceito histórico, o entendimento existente a respeito dele provém da leitura dos seguintes autores: HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989; e DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 1998. 3ª ed.

¹⁵ A *Frente Negra Pelotense* foi uma das organizações negras, fundada em 1933, na cidade de Pelotas.

sens, mas por
particulares a cada
dentro dos grupos houvesse também as suas divergências).

especificidades
grupo (ainda que

Alvorada se deteve apenas a espaços negros ou voltados para as classes trabalhadoras. Os dois semanários eram diferentes nas suas abordagens e posicionamentos, mas se interessavam por pautas comuns. Muitos foram os membros que circularam nesses periódicos, com visões e experiências diferentes e, é sobre eles que o próximo item se detém.

Gente d'O Exemplo e d'A Alvorada

O intertítulo desse tópico tem inspiração na obra *História social do Jazz*, de Hobsbawm (1990). O historiador dividiu seu livro em quatro capítulos que tratam da história, da música, dos negócios e, por último, da gente, ou seja, dos músicos e do público. Incluir aqueles que interagem com a música, seja elaborando-a ou ouvindo-a também faz parte da compreensão de seu objeto. Por partilhar dessa mesma perspectiva, a compreensão sobre quem eram os sujeitos envolvidos na elaboração desses periódicos, também é uma maneira de conhecer ainda mais esse objeto. Na medida em que se dá visibilidade aos seus principais autores é possível conhecer mais o próprio objeto, a imprensa negra.

Um ponto em comum entre os homens que compunham a imprensa negra foi o fato de atuarem em diversos espaços. As possibilidades, as dificuldades e as oportunidades vivenciadas por esses personagens, nesse momento de reformulação de hierarquias sociais, foram delineando as suas estratégias de sobrevivência. A tomada de certos posicionamentos dos periódicos pode se tornar mais compreensível quando se conhece o lugar social de pertencimento de seus autores.

O *Exemplo* era composto por homens que se diferenciavam da grande maioria da população negra, eram uma classe média negra emergente e letrada. Já *A Alvorada* se formou por pequenos proprietários, os irmãos Penny, e estava repleto de operários.

A história de ambos
marcada pela
rede de relacionamentos nessas cidades¹⁶.

os jornais foi
formação de uma

O primeiro nome salientado não compõe o quadro de integrantes do *Exemplo*, mas sua existência tangencia-o. Trata-se de Aurélio Viríssimo de Bittencourt (1849-1919), nascido livre, em 1849, na cidade de Jaguarão, “funcionário público de carreira” (MOREIRA et.all., 2007, p.169, *grifo do autor*). Aurélio de Bittencourt alcançou “espaços de destaque na vida cultural e política de Porto Alegre e até mesmo do Rio Grande do Sul” (PINTO, 2010, p.138). Ele “militou pelo abolicionismo e ingressou no serviço público como amanuense” (MOREIRA et.all., 2007, p.170). Aurélio de Bittencourt atuou como político, escritor, foi um dos fundadores e membro de destaque do Parthenon Literário¹⁷, de Porto Alegre e colaborador de sua revista. Ele trabalhou em vários veículos da imprensa local e dirigiu o *Jornal do Comércio* entre 1903 e 1911.

Além disso, Aurélio de Bittencourt foi secretário particular de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. Aurélio de Bittencourt fez parte de diversas associações religiosas, entre elas, a do Rosário, da Conceição¹⁸, do Santíssimo Sacramento, Divino Espírito Santo e Nossa Senhora Das Dores (MÜLLER,

2013[1999]). *O Exemplo* publicou diversos textos apresentando Aurélio de Bittencourt como um exemplo a ser seguido pela comunidade negra.

¹⁶ Em Porto Alegre, Müller (2013 [1999]) demonstra que essa rede foi formada quando ainda era vigente a escravidão, destacando a importância da *Irmandade do Rosário* para a aquisição de experiências e a ligação dessa associação com outros espaços negros, como *O Exemplo*. Para Pelotas, Silva (2011) comprova que desde a vigência da escravidão se formou um associativismo negro na cidade. *A Alvorada* fazia parte dessa rede por ter seus membros envolvidos nesse associativismo, como apresentou a autora na sua dissertação.

¹⁷ Essa associação foi fundada em 1868 e considerada uma das mais importantes agremiações culturais do Rio Grande do Sul, durante o século XIX. Nesse espaço propagavam ideais da abolição da escravatura e da República. A sociedade se dissolveu em 1899 (FRANCO, 2006, p.307).

¹⁸ Composta quase toda de gente parda, em 1847, a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição iniciou o requerimento para a sua própria igreja, tendo iniciado suas obras em 1851, a igreja ficou pronta sete anos depois, em 1858 (FRANCO, 2006).

eram filhos de Aurélio de Bittencourt. Ambos foram redatores do *O Exemplo*. Aurélio Viríssimo de Bittencourt Júnior escreveu poesias, não apenas nesse jornal, como em outros que circularam na cidade (SANTOS, 2008). Em *O Exemplo* também desempenhou a função de diretor. Aurélio Júnior (1874-1910) nasceu na capital gaúcha, era diplomado em Direito na Faculdade de São Paulo. Quando morreu, ocupava o cargo de juiz distrital da Vara de Órfãos de Porto Alegre. Foi estudante interno do *Ginásio Nossa Senhora da Conceição*¹⁹, na cidade de São Leopoldo. Já as informações sobre Sérgio de Bittencourt, contidas no jornal, não permitem conhecer mais de sua história.

Além dos filhos de Aurélio de Bittencourt, seu neto Dário de Bittencourt também se envolveu numa carreira ligada ao “mundo das letras e da política” (PINTO, 2010, p.139). Dário de Bittencourt (1901-1974), filho de Aurélio Júnior, foi criado pelo avô Aurélio de Bittencourt, após o falecimento do pai. Dário frequentou o *Ginásio Nossa Senhora da Conceição* por influência do avô. Quando iniciou em *O Exemplo* era acadêmico do curso de Direito da *Escola de Ciências Jurídicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*²⁰ (ZUBARAN, 2016). Com o falecimento de Baptista Junior, em 1920, Dário de Bittencourt assumiu o lugar de diretor do *O Exemplo* permanecendo até o encerramento do periódico, em 1930.

No jornal, ele atuou como editor. Dário de Bittencourt trabalhou nos foros cíveis, trabalhistas, militares e criminais (SANTOS, 2008). Ele foi advogado da

¹⁹ Essa escola foi fundada por padres jesuítas em 1870, na cidade de São Leopoldo (SANTOS, 2008). No ano de 1901, a instituição passou a ser *Ginásio* e, “preparava os filhos da elite para o ingresso nos cursos superiores” (SANTOS, 2009, p.03). “Aquele era um lugar de formação da elite intelectual e econômica do estado” (SANTOS, 2008, p.05).

²⁰ A Faculdade de Direito, em Porto Alegre foi fundada em 1900, com o nome de Faculdade Livre de Direito. Em 1907, o diretor da Faculdade, o desembargador Manoel André da Rocha resolveu construir um prédio próprio, o edifício foi inaugurado em 1910. Em 1934, a Faculdade passou a integrar a Universidade de Porto Alegre e somente em 1950 seria criada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Lei n.1.254) (FRANCO, 2006).

dos Advogados do Brasil (SANTOS, 2008). Ele “se tornou professor de Direito Social da mesma instituição em que se formou” (FRANCO, 2006, p.73) e ocupou a “chefia provincial dos integralistas no Estado” (SANTOS, 2009, p.03).

No que se refere aos espaços culturais, “fez parte dos quadros sociais do clube *Floresta Aurora*²², circulou em terreiros de batuque” (SANTOS, 2008, p.01). Dário participou do Conselho Superior da *Liga Nacional de Futebol Porto-Alegrense*²³ e, foi sócio da *Sociedade Satélite Porto-Alegrense*²⁴ (SANTOS, 2008). Além disso, Dário fez parte do *Grêmio Náutico Marcílio Dias*²⁵ (SANTOS, 2009). “Apesar de ser católico militante, defendeu ativamente a liberdade dos cultos afro-brasileiros, numa época em que eram duramente perseguidos” (FRANCO, 2006, p.73).

Baptista Junior exercia a função de diretor de *O Exemplo* quando faleceu, em 28 de outubro de 1920, aos 29 anos (*O Exemplo*, 31/10/1920, p.01). Ele cursava Direito, falecendo²⁶ um ano antes de se formar. No *O Exemplo* ele escreveu crônicas teatrais. Trabalhou no foro de Porto Alegre ao lado de notáveis advogados, se tornando auxiliar deles. Seu irmão Felipe Baptista da Silva era integrante de *O Exemplo*. Já o seu pai, major João Baptista da Silva, foi editor e membro do grupo mantenedor do jornal.

²¹ A Associação Comercial de Porto Alegre foi fundada em 1858 (FRANCO, 2006).

²² A Sociedade Beneficente e Cultural *Floresta Aurora*, fundada, em 1872, por Polydoro Antonio de Oliveira, que também era membro da *Irmandade de Nossa Senhora do Rosário* (MÜLLER, 2013[1999]). “A *Floresta Aurora*, não foi, entretanto, uma sociedade com preocupações apenas recreativas e beneficentes. Dando provas de seu empenho no sentido de contribuir para a elevação social do negro” (MÜLLER, 2013[1999]).

²³ A *Liga Nacional de Futebol Porto-Alegrense* ficou conhecida popularmente como *Liga da Canela Preta*. Tendo sido formada na década de 1910 ela só teria o seu reconhecimento na década de 1920.

²⁴ A *Sociedade Satélite Porto-Alegrense* surgiu em 1902, como um espaço de lazer para a comunidade negra.

²⁵ Segundo Santos (2009) o *Grêmio Náutico Marcílio Dias* era o único clube de remo voltado para os negros que existia em Porto Alegre.

²⁶ O jornal não deixa transparecer o que se tratava sua “moléstia”, apenas apresenta que Baptista Junior contraiu uma febre alta, vindo a falecer em poucos dias (*O Exemplo*, 31/10/1920, p.01). A partir de 1918, Porto Alegre vivenciou uma epidemia de gripe espanhola que teve repercussões tão fortes que o governo do Estado censurava a imprensa (FRANCO, 2006).

Arthur Ferreira de Andrade foi o primeiro diretor e, atuou de editor para *O Exemplo*. Além de se dedicar ao semanário, ele exerceu a advocacia. Marcílio F. da Costa Freitas desempenhava a função de presidente do grupo mantenedor (*O Exemplo*, 06/01/1921), além de diretor e editor gerente. A ele cabia “o cuidado especial com o fechamento e a cobrança das assinaturas” (PINTO, 2010, p.142). Ele fazia parte da *Irmandade do Rosário* (MÜLLER, 2013 [1999]).

Esperidião Calisto nasceu em 1864, filho de Calixto Felizardo de Araújo, membro da *Irmandade do Rosário*. Esperidião Calisto colaborava com alguns jornais da cidade, entre eles *A Federação*, órgão oficial do PRR. Barbeiro de profissão, sua barbearia foi a primeira sede de *O Exemplo*. Esperidião foi redator e lecionou na escola noturna fundada pela equipe editorial do *O Exemplo*. O seu irmão Florêncio Calisto também era integrante do periódico. Ambos os irmãos eram barbeiros de profissão. Além disso, eles praticavam em sua barbearia a sangria, técnica que usa sanguessugas para realização de limpeza do sangue.

José da Silva Dias era colaborador e mantenedor do *O Exemplo*. Além disso, foi “acadêmico da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, em Brasília” (ZUBARAN, 2016, p.226). Em *O Exemplo*, Felipe Eustachio (1891-1898) atuou como administrador. Ele foi “secretário da Irmandade do Rosário, São Domingos e São Benedito e secretário da Sociedade Dramática Olympia Peres” (MÜLLER, 2013, p.198).

Arnaldo Dutra, ator, músico e médico, foi redator-chefe de *O Exemplo* a partir de 1927 (ZUBARAN, 2016). Alfredo Cândido de Souza deu nome ao semanário. Antonio Gonzaga era um cronista esportivo e colaborador assíduo. Alcides Feijó das Chagas Carvalho era médico e desempenhou a função de diretor de *O Exemplo* (1916 e 1918) (ZUBARAN, 2016).

Uma das maneiras de saber sobre a intencionalidade de um impresso é conhecendo os seus proprietários e jornalistas. A imprensa aqui estudada trata-se de uma produção cultural negra que sofre as influências das experiências (THOMPSON,

1981) dos sujeitos envolvidos. Portanto, delinear um pouco de suas vivências através de suas atuações permite conhecer o universo do grupo, logo, o do próprio jornal. As histórias de vida desses personagens influenciam suas ideias, seus pensamentos, suas lutas e seus posicionamentos, todos, registrados ao longo das páginas desses periódicos.

“A circulação de indivíduos por diferentes tipos de organizações era uma característica comum no associativismo dos trabalhadores” (SIQUEIRA, 2009, p.304) e entre os grupos negros também. Os homens mencionados são negros, letrados e comprometidos em combater a segregação da população negra na sociedade.

Em relação *A Alvorada*, um nome frequentemente associado a ele é o de Antônio Baobad. Ele “apareceu em várias atividades importantes da Pelotas operária de fins do século XIX e início do novo século” (LONER, 2005, p.01). Baobad havia sido escravizado e fora liberto “exatamente ao início da luta abolicionista na cidade” (LONER, 2005, p.02). De ideais socialistas, Antônio acaba “dando ênfase a sua condição étnica e reivindicando suas origens africanas” (LONER, 2005, p.02). Um exemplo encontra-se na troca de seu sobrenome, adotando *Baobad* em detrimento do anterior, “de Oliveira”²⁷.

²⁷ “Os sobrenomes expressam relações sociais que podem ser de dominação, podem ser de parentesco e podem ser de outros tipos também” (WEIMER, 2008, p.270). O sobrenome *de Oliveira* lembrava a Antonio a sua condição de escravizado, haja vista que foi adquirido de seu ex-senhor. Não era comum que os escravizados fossem registrados como os sobrenomes dos senhores, geralmente eles eram reconhecidos pelo primeiro nome (sem o uso de sobrenomes). A adoção de sobrenomes pelos escravizados ocorria após conseguirem a alforria, passando a libertos se “inventava” uma genealogia, de certa forma se apropriando do capital social nominal de seus ex-senhores, como forma de fortalecimento de um lugar social. O que não quer dizer que não usassem dupla nomenclatura, uma pública (de papel) e outra comunitária.

Antônio foi associado da *Sociedade Beneficente Feliz Esperança*²⁸ (SILVA, 2011). Após ter alcançado a condição de liberto, quando tinha por volta dos seus 25 anos, Baobad ingressou nas aulas primárias noturnas da Bibliotheca Pública Pelotense²⁹.

Rodolpho Xavier, que se declarava um dos maiores seguidores das ideias de seu irmão Antônio Baobad, nasceu na condição de ingênuo. Ele foi beneficiado pela Lei de 1871 (Ventre Livre). No entanto, mesmo ingênuo ele ainda conviveu com o regime escravista. Rodolpho Xavier passou a frequentar o curso noturno da Bibliotheca Pública Pelotense um ano após seu irmão, em 1883, quando tinha 10 anos de idade. Em 1888, aos 14 anos, ele havia sido iniciado no ofício de pedreiro. Xavier constituiu-se em um dos principais articulistas de *A Alvorada* (SILVA, 2011). Entre os assuntos por ele discutidos estava tanto a organização quanto a exploração operária. Ele foi um importante líder sindical atuando diretamente em algumas associações classistas, sendo pedreiro por profissão (SILVA, 2011).

Entre os alunos do curso noturno da Biblioteca Pública Pelotense (BPP) também estava Juvenal Moreno Penny e Durval Moreno Penny, tendo iniciado seus estudos na instituição em 1899. Ao que tudo indica, foi a partir de seu contato nesse

²⁸ Em 1878, com o nome de *Associação Lotérica Beneficente Feliz Esperança*, essa associação “compartilhada por negros, escravos e libertos” buscava conseguir fundos para a libertação de escravizados. Posteriormente passou a chamar-se *Sociedade Beneficente Feliz Esperança* (1880-1917) (SILVA, 2011).

²⁹ Os cursos de alfabetização noturna foram iniciados no período imperial. Com a mudança do governo para o regime republicano, o decreto acaba não se mantendo. No entanto, a cidade de Pelotas, que iniciou em 1878 essa prática, continuaria por mais tempo. As aulas noturnas eram voltadas para “a população trabalhadora e os futuros trabalhadores, ou seja, meninos, rapazes e homens das classes populares” (PERES, 2002, p.80). A burguesia baseada nas suas premissas positivistas de progresso cogitava que “o pobre só deixava de ser perigoso pelo trabalho continuado, ordeiro e honesto, caso contrário, a sua pobreza o levaria ao crime, à contravenção e à vagabundagem” (PESAVENTO, 1990, p.56). Nesse sentido, a sociedade delegava para si o papel de impedir que isso ocorresse. Assim, criavam mecanismos de controle social. As aulas noturnas, de certa forma, foram um dos modos encontrados pela elite local de doutrinar e controlar o modelo de vida que julgavam ser o mais correto para as classes baixas. Esse modelo se pautava na atuação dos populares enquanto trabalhadores obedientes (COOPER; HOLT; SCOTT, 2005). O disciplinamento do trabalhador para o mercado também era baseado na crença de que os brasileiros não partilhavam da mesma ótica liberal burguesa de trabalho que era praticada na Europa.

espaço que Antonio, Rodolpho, Juvenal e Durval passaram a dialogar a respeito da elaboração de um jornal. Infelizmente, Antônio Baobad só conseguiria acompanhar o semanário durante os primeiros meses de sua circulação, pois faleceu em seguida, “aos 48 ou 49 anos” (LONER, 2005, p.03).

Portanto, a passagem pela BPP³⁰ foi extremamente significativa para esse grupo por estar ligada ao processo de alfabetização dos mesmos, todos de origem humilde.

“A história do jornal *A Alvorada* se confunde com a própria trajetória dos irmãos Penny e de Xavier” (PERES, 2002, p.128). Juvenal Penny foi o proprietário de *A Alvorada* desde a sua fundação, em 1907, até o ano de 1946, quando o vendeu. Era comerciante, dono da fábrica de fogos São Veríssimo. Durval, que foi diretor de *A Alvorada*, se afastou do periódico para estudar medicina, formando-se “pelo Instituto Nacional de Ciência em 30/04/1914” (PERES, 2002, p.129). Em 1934, ele foi presidente honorário da *Frente Negra Pelotense* (SILVA, 2011). Além disso, Durval tornou-se proprietário de uma farmácia “onde ‘dava consultas’ e foi chamado de ‘médico dos pobres’” (PERES, 2002, p.129)³¹.

“A partir de 1946, o semanário passou a ser de propriedade de um grupo liderado por Rubens Lima, além de Carlos Torres e Armando Vargas” (PERES, 2002, p.128). *A Alvorada* encerrou suas atividades em 1965. Armando Vargas auxiliou na sua fundação e o dirigiu nas décadas de 1930 e 1940 (SILVA, 2011). Além disso, foi membro consultivo da *Frente Negra Pelotense* e sócio do *Clube Fica Abí* (SILVA, 2011). Carlos Torres foi fundador de *A Alvorada* e da *Frente Negra Pelotense*, onde

³⁰ Esse espaço foi fundado em 1875, tendo sido inaugurada em 1876. Em 1878, se inicia um projeto de construção de um prédio próprio ao lado da Prefeitura (localização atual dessa Biblioteca), com um pavimento. No ano de 1911 começam as obras de ampliação da construção em torno de um segundo piso. Nesse prédio também se “realizavam bailes e concertos, reuniões de partidos políticos ou eventos de interesse da comunidade” (LONER, 2010, p.33). “Em seu edifício houve reuniões históricas, como a que tratou da primeira associação abolicionista da cidade e da festa da *emancipação* dos escravos do município, em 1884” (LONER, 2010, p.33, *grifo do autor*).

³¹ Outro integrante desta família, de nome José Moreno Penny, “era proprietário do Hotel Penny”, inaugurado “em fevereiro de 1882” (MÜLLER, 2010, p.140).

desempenhou a atividade de tesoureiro. No *Clube Fica Abí* ele estava na diretoria (1938-1943). “Muitos negros (as) estavam atuando em ambas as frentes, recreativa, étnica e operária” (SILVA, 2011, p.130).

A Alvorada igualmente contou com Humberto de Freitas, redator do periódico na década de 1930. Ele auxiliou na fundação da *Frente Negra Pelotense*, sendo parte do conselho consultivo e secretário-geral (1933-1934). Humberto de Freitas atuou na diretoria do *Clube Chove e Não Molha* e foi associado do *Clube Fica Abí* (SILVA, 2011).

A organização da linha editorial desses jornais são reflexos da forma como pensavam e agiam seus membros, em termos de atuação política. O grupo vinculado *A Alvorada* se manteve muito próximo das camadas populares, eles se inseriam em clubes culturais e sindicatos, o que lhe conferiu um caráter mais combativo em suas escritas. Enquanto no *O Exemplo*, os seus homens ocupavam espaços como irmandades religiosas e grupos literários e se inseriram no PRR, mesmo denunciando e criticando as práticas racistas da sociedade se pautaram pelo seu grupo social, não se misturando com as camadas populares.

Considerações Finais

Os anos 1920 e 1930 foram palco de uma série de mudanças, no que se refere ao desenvolvimento das cidades, da indústria capitalista, entre elas da própria imprensa. Porto Alegre e Pelotas passaram por transformações que propiciaram a difusão de impressos negros. Os dois jornais abordados são parte da experiência de organizações de resistência e luta negra no cenário do pós-abolição. Ela se formou por conta de militantes e também de intelectuais que registraram aspectos de seu cotidiano que permitem uma diversidade de abordagens. A história desses indivíduos possibilita perceber que a dimensão política de suas identidades são múltiplas, eles atuaram em espaços raciais, operários e mesmo políticos.

Em relação à comunicação escrita, souberam se apropriar e fazer uso dela. O reconhecimento dos impressos negros nas novas produções historiográficas sobre o

jornalismo brasileiro é uma das formas de conter a invisibilização da população negra e de suas produções culturais. Além disso, ao registrar uma breve trajetória dos integrantes desses semanários compartilho entre eles e suas obras o papel de protagonistas.

REFERÊNCIAS

Fontes

Arquivo Histórico da Biblioteca Pública Pelotense, fundo: Jornais, *A Alvorada*, de 1931 a 1935.

Arquivo Histórico do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, fundo: Jornais de Porto Alegre, *O Exemplo*, de 1920 a 1930.

Bibliografia

CHALHOUB, Sidney. **A força da escravidão** - Ilegalidade e costume no Brasil oitocentista. São Paulo: Companhia das letras, 2012. 2ed.

COOPER, Frederick; HOLT, Thomas C.; SCOTT, Rebecca. **Além da Escravidão**. Investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição**. São Paulo: Selo negro, 2008.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. 4ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

GOMES, Flávio dos Santos; CUNHA, Olívia Maria Gomes (orgs.). **Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

HOBSBAWM, Eric. **História social do jazz**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

LONER, Beatriz Ana. Antônio: de Oliveira a Baobad. In: **2º Encontro de Escravidão e liberdade no Brasil Meridional**. São Leopoldo: Oikos, 2005. Pp.01-17.

_____. Bibliotheca Pública. In: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mário Osório (orgs.). **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2010. Pp.32-34.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt; CARVALHO, Daniela Vallandro; VARGAS, Jonas Moreira; SANTOS, Sherol. Entre irmandades e Palácios: a trajetória de um Negro Devoto e Burocrata (o caso Aurélio Viríssimo de Bittencourt – 1848-1919). In: **V Mostra de Pesquisa APERS – Produzindo História a partir de fontes primárias**. Porto Alegre: CORAG, 2007. Pp.169-180.

MÜLLER, Liane Susan. **As contas do meu rosário são balas de artilharia: irmandade, jornal e associações negras em Porto Alegre (1889-1920)**. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre, PUCRS, 1999.

_____. **As contas do meu rosário são balas de artilharia**. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.

PERES, Eliane. **"Templo de Luz": os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875 – 1915)**. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O cotidiano da República**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1990. Coleção Síntese Rio-Grandense.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa Negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010. Coleção Consciência em debate.

RIOS, Ana Maria Lugão; MATTOS, Hebe Maria. **Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANTOS, José Antônio dos. Inventário de si. O Arquivo Dario de Bittencourt (1901-1974), local onde se cruzam biógrafos e biografias de intelectuais negros. In: **Anais do XXV Simpósio Nacional de História**. Fortaleza, UFC, 2009. Pp.01-10.

_____. O *Curriculum Vitae* como vestígio do passado. Dario de Bittencourt (1901-1974), uma eminência duplamente parda. In: **Anais do IX Encontro Estadual de História** da ANPUH-RS. Porto Alegre, UFRGS, 2008. Pp.01-12.

_____. **Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957)**. Pelotas. Ed. Universitária, 2003, v.7.

SILVA, Fernanda Oliveira da. Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em pelotas (1820-1943). **Dissertação de Mestrado** (História). Porto Alegre: PUCRS, 2011.

SIQUEIRA, Uassyr de. Clubes Recreativos. Organização para o lazer. In: AZEVEDO, Elcine; CANO, Jefferson; CUNHA, Maria Clementina Pereira; CHALHOUB, Sidney. **Trabalhadores na cidade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009. Pp.271-312.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria**, ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. **Os nomes da liberdade**. Ex-escravos na serra gaúcha no pós-abolição. São Leopoldo: Oikos, 2008.

XAVIER, Regina Célia Lima. Raça, classe e cor: debates em torno da construção de identidades no Rio Grande do Sul no Pós-abolição. In: ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe. **Histórias do pós-abolição no mundo atlântico: identidades e projetos políticos**. Volume 1. Niterói: Editora da UFF, 2014. Pp.119-152.

ZUBARAN, Maria Angélica. Comemorações da Liberdade: lugares de memórias negras diaspóricas. **Anos 90**. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, v.15, n.º27, 2008, Pp.161-187.

_____. Pedagogias da Imprensa Negra: entre fragmentos biográficos e fotogravuras. **Educar em Revista**. Curitiba, n. 60, abr./jun. 2016. Pp.215-229.